

PROJETO: "HISTÓRIA DA UFJF"

Formulário de registro das informações sobre a entrevista

Instituição responsável pela custódia: Universidade Federal de Juiz de Fora

Localização: Projeto "História da UFJF" (SALA CIII-12)

Código de Referência: Entre01

Entrevista Nº.: 01

Tipo de Arquivamento: Áudio, Vídeo e impresso

Fundo/Coleção: Entrevistas Projeto "História da UFJF"

Detalhamento dos objetivos e natureza da Entrevista

História de Vida: ()

História Oral Temática: (X)

Tradição Oral: ()

Linha de pesquisa: Memória da UFJF

Projeto de pesquisa: História da UFJF

Responsável (s) pelo projeto de pesquisa: Marcos Olender (coordenador Geral)

Camila Gonçalves S. Figueiredo (Coordenadora Executiva)

Objetivos da coleta do depoimento: A coleta do depoimento tem por objetivo a constituição de acervo de depoimentos orais de indivíduos que possuem experiências na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, ao longo da sua história.

Dados Pessoais do Entrevistado

Nome: Marcos Olender

Data de Nascimento:

Cidade: Rio de Janeiro

Estado: RJ

Nacionalidade: Brasileiro

Sexo: (x) M () F

Estado Civil: Casado

Demais informações/dados para contato:

Atuação profissional

Formação: Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia

Cargo/função: Professor Adjunto da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Trajatória profissional: Graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1985), mestrado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992) e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia (2007).

Dados do Conteúdo da Entrevista

Sumário da Entrevista:

[00:22] Apresentação, fala de seus pais, da vinda destes para o Brasil e como surgiu o seu interesse pela História.

[09:47] Fala quando conheceu Juiz de Fora, quando se ingressou na UFJF.

[12:46] As mudanças que ocorreram Juiz de Fora do período em que ele conheceu a cidade e atualmente

[23:15] Participação é nos sindicatos, nos colegiados, projetos de pesquisa, militância, conselhos

[32:33]Análise das organizações sindicais da UFJF

[49:02] Formalidades acadêmicas, calouradas, colação de grau...

Palavras-Chave: Marcos Olender, Arquitetura, História, patrimônio.

Resumo:

Fala sobre a vida e trajetória de Marcos Olender. Fala um pouco sobre a história dos seus pais, como chegou até a UFJF e sua trajetória na instituição. Marcos Olender é professor do Departamento de História da UFJF, já foi coordenador do curso de Arquitetura e do curso de História. Além disso, participa de vários conselhos relacionados a questão de patrimônio, arquitetura e cultura.

Dados Técnicos Entrevista

Data da realização da entrevista: 06/02/2013

Local: Sala do LAPA – C-III-13

Duração: 01 hora, 01 minuto e 39 segundos

Nº de fitas e/ou tempo de gravação: 01 hora, 01 minuto e 39 segundos

Números de identificação das fitas e/ou do arquivo em áudio: 01

Responsável pela pesquisa e elaboração do roteiro: Eduardo Morais

Entrevistador: Renato Ulhoa

Cinegrafista: Eduardo Morais

Auxiliar (s) Técnico: não houve

Responsável pela transcrição: Carolina Martins Saporetti

Data da transcrição:

Início: 07/04/2014 **Conclusão:** 29/05/2014

Responsável pela conferência da transcrição:

Data da conferência da transcrição:

Responsável pela edição de texto (se houver):

Especificações da edição de texto (se realizada):

Data de assinatura do termo de autorização: 06/02/2013

Data da liberação:

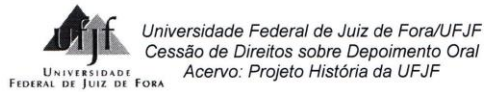
Qtde. de páginas transcritas: 18

Endereço para acesso eletrônico do arquivo em áudio:

Endereço para acesso eletrônico da transcrição:

Observações relevantes: A entrevista com Marcos Olender foi realizada em dois dias. Essa transcrição é relativa ao primeiro dia da entrevista.

Inserir Declaração de Cessão de Direitos autorais (versão digitalizada)



CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, MARCO OLINDEN,
nacionalidade: BRASILEIRO, estado civil: _____,
profissão: PROFESSOR UNIVERSITÁRIO, portador do documento de Identidade
Nº: 05712584-4, domiciliado e residente na cidade de
JUIZ DE FORA, endereço: R. OLINDEN MACIEL,
nº: 1716, bairro: P. S. S. S., declaro ceder Universidade Federal de
Juiz de Fora, situada na cidade de Juiz de Fora/Minas Gerais, na Rua José Lourenço
Kelmer, s/n, Campus Universitário, bairro São Pedro, sem quaisquer restrições quanto
aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, de maneira total e definitiva os direitos
autorais do depoimento e da transcrição do mesmo, de caráter histórico e documental
que prestei aos alunos e pesquisadores da referida instituição, em 06 de
fevereiro de 2013, num total de _____ horas gravadas. A Universidade
Federal de Juiz de Fora, no ato das suas atribuições, ficará com a custódia desta
entrevista e irá disponibilizá-la para consulta e utilização por outros pesquisadores em
meio eletrônico e em arquivo.

Demais especificações:

Finalidade do depoimento: **Projeto "História da UFJF"**

Método de gravação e arquivamento:

Juiz de Fora / 06 de fevereiro de 2013.

M. OL.

Assinatura do entrevistado

Carolina Martins Saporetti

Assinatura do (s) responsável (s) pelo Projeto "História da UFJF"

Transcrição da Entrevista:

[00:04] Renato: Bom né, então vamo começar do começo né? Fala um pouco pra gente sobre a sua trajetória de vida, a cidade que você nasceu, o ano?

[00:14] Marcos Olender: É... eu sou...hum essa pergunta assim vai revelar a minha...

[00:21] Camila Gonçalves: Idade (risos)

[00:22] Marcos Olender: Idade, é não. Eu sou carioca nasci na cidade do Rio de Janeiro, sou “carioca da gema”, nasci ali no bairro de Botafogo, não é a toa que eu, na verdade ali no Humaitá, na casa maternidade São José que é uma casa que é uma casa maternidade super tradicional ali do Rio, né. Sou filho de pais poloneses, né. Meus pais não são brasileiros, são naturalizados. Minha mãe vem pro Brasil com 4 anos de idade, né. Ela fugindo, ela, ela, ela saiu da Polônia 6 meses antes da invasão alemã na Polônia, com isso é... ela conseguiu viver, sobreviver, porque a família dela que ficou, ela veio, parte do, do... a irmã que ela tinha na época, os outros irmãos nasceram no Brasil, minha avó veio também, meu avô já estava aqui a 6 meses juntando dinheirinho pra trazer a família. Ele veio antes, como uma boa parte dos imigrantes que vem pra fazer um pé de meia pra poder buscar a família. E deu sorte, conseguiu buscar a família, e 6 meses depois a... Polônia é invadida pela Alemanha e uma boa parte da minha família alemã que ficou morreu nessa invasão né. É meu pai por... pro outro lado continuou, é da mesma cidade, é na cidade de Kashmir, na Polônia, na mesma cidade que a da minha mãe, meu pai era primo de terceiro grau da minha vó. É... e não teve a mesma sorte, ele acabou, a família do meu pai só restou da família polonesa né, pelo menos do ramos dos Olender, tem ramo dos Olender nos EUA que deve ser parente distante, a do ramo dos Olender dos Zimbenbergue. Da família mesmo só sobrou da guerra meu pai, meu avô que veio morrer no Brasil dois anos é... depois que eu nascer, então eu não conheci ele, não me lembro dele, e um tio que eu conheci, que foi pra França, que não veio para o Brasil, foi pra França. Mas meu pai, os três foram os únicos que restaram da família, todos os outros foram mortos pelos nazistas ou na invasão ou nos campos de concentração, né. Então, eu acho que esta questão que trabalhar essa questão da memória, do patrimônio, e tal, está muito implícita na minha história de vida, então quando eles percebem até hoje inclusive, a maioria dos pesquisadores europeus que vão trabalhar a questão do patrimônio, que trabalham com vítimas do Holocausto, porque é um momento muito grave, muito crucial da história da Europa, né, e eu tendo isso na família, ta muito claro, a questão do silêncio, o meu pai nunca falou dessa história, minha mãe que veio falar depois a história do meu pai. O meu pai, a história dele é muito interessante, ele é pego na invasão, sobrevive, ele e o pai dele porque sabiam concertar rádio, né, porque se eles fossem intelectuais, artistas, já tinham dançado né. Mas eles tinham um uso para os nazistas então eles foram sobrevivendo, o meu pai tinha 14 anos na época, né. Mas aprendeu com meu avô essa coisa de concertar, né, de mexer nas coisas, até depois dele continuar fazendo isso é... depois ele é salvo pelo exército acionista, que é um exército equipado pelo, pela Inglaterra se eu não me engano, né, e que é um exército que salva do campo e com isso tem toda propaganda ele

vai para Israel, luta na guerra de independência de Israel em 47, é depois se desilude com o acionismo, sai de Israel, então até essa crítica, né acionismo vem de berço, vem de família, vai pra Bélgica, da Bélgica vai a passeio ao Brasil, conhece minha mãe, que era da mesma região, que tem uma comunidade no Rio de Janeiro, então ele foi lá conhecer a comunidade. Minha mãe é guia de turismo, vai guiar ele no Rio, três, quatro meses depois ta casado com a minha mãe. Nunca mais volta pras paixões avassaladoras. Ele tinha, ele tinha uma desilusão amorosa, minha mãe idem. É.. eu gosto de falar essa história porque é uma história bonita. Minha mãe tinha sido noiva de um dirigente do partido comunista do Rio de Janeiro e ela brigou com ele, ela contando isso é muito engraçado (risos), na época gente do partido comunista era machista como ele. Ela não aceitou porque o cara queria dar ordem nela, ela falou “ninguém dá ordem em mim” (risos). Minha mãe era pra frente também, era uma figura. Até hoje minha mãe é meio da pá virada (risos). Então é... então tem essa história, essa história dos dois que foi uma paixão muito bonita, que eu convivi com isso até ele morrer, quando eu tinha 18 anos, 18? 18 pra 19 anos? Mas é... eu acho que essa história essa coisa da, da parte de História, de patrimônio, de memória, vem muito de história de família e aí você tem muito, meus tios avós que também são da aldeia, quando sabe que você gosta daquilo tem foto antiga, e te mostra na reunião de família, “aí olha, esse aqui sou eu pequenininho...”, que não sei o quê, eu acho que daí começa essa paixão pela História, pela né, e aí que vem a minha trajetória, a arquitetura também, a arquitetura vem, é gosto de família e o meu, acabei que eu juntei as duas coisas, né.

Na arquitetura eu comecei trabalhando com movimento social, comecei trabalhando em favela. Na verdade eu trabalhei desde que eu entrei na faculdade como voluntário em mutirão na favela, foi onde eu li Carlos Rodrigues Brandão, Pesquisa Participante, Paulo Freyre né, Nicolisso, tudo nessa década em que as coisas estavam acontecendo, Paulo Freyre era ainda ditadura militar, tava na época do Figueiredo. E aí... o Paulo Freyre era, era meio subversivo ainda, aí você lia, ficava minha mãe, minhas tias – “olha o que você fala na faculdade deve ter polícia infiltrada, não o que, você vai ser preso menino, você fala de mais, que não sei o quê” – e aí a gente começava a trabalhar em favela né, com mutirão e aí depois eu fui trabalhar na prefeitura como estagiário, na verdade eu trabalhei muito tempo foi em favela mesmo, não era em patrimônio. Até comecei a partir do questionamento que eu fazia porque que eu tava fazendo daquela maneira e não de outra? Aí eu entrei pra História, comecei a cursar disciplina da História, comecei aí sai da área da favela e fui parar em patrimônio, mas eu comecei trabalhando em, em habitação social, né, chamada habitação social, começar a estagiar nisso, fazer trabalhos voluntários nisso, e é isso aí eu fui para a área de patrimônio, nisso fiz mestrado em História, confesso que...

[07:35] Renato: No Rio de Janeiro?

[07:36] Marcos Olender: Tudo no Rio de Janeiro, e quem me levou inclusive pra História é uma autor que até hoje eu tenho uma gratidão muito grande, uma admiração muito grande que é o Foucault, foi lendo Foucault que eu fui pra História, não é a toa que eu uso muito até hoje. E acho que é uma figura [inaudível], as pessoas falando -

“ahhh é filósofo que não sei o que”, não importa, pra mim é uma figura fantástica, e aí trabalhando Jairo Punir, pra você poder ver a questão do espaço na arquitetura e como essa arquitetura é conformada historicamente, pra... pra atender certos objetivos que são moldados historicamente ta no Foucault, quer dizer o Foucault fala isso a questão da origem da disciplina, da fábrica, da disciplina no trabalho, o Foucault também fala isso, micro física. Então foi a partir disso que eu fui pra História, fiz mestrado em História e... de repente pintou a chance de, de, de... um concurso na faculdade que era na área de História da Arte, pra dar aula pra arquitetura, no Departamento de História de três disciplinas, História da Arte e Arquitetura I, História da Arte e Arquitetura II, História da Arquitetura Brasileira. E.. eu fiz o concurso e passei, né. E... fui no primeiro semestre dei aula na Comunicação, umas matérias de legislação contemporânea, porque quando eu passei ainda não tinha a disciplina de História da Arquitetura, a Arquitetura estava começando, era uma disciplina do 2º período, a História da Arquitetura I, da Arquitetura I, aí eu passei. Eu lembro que a Cláudia era chefe do Departamento aí ela virou e falou assim – “Marcos você aceita ser substituto de você mesmo? Porque até você tomar posse vai demorar alguns meses, a vaga ta aí? Tem uma disciplina na Comunicação que tem que ser dada, é sexta feira a noite”, é claro, é claro que tem que ser neste horário, calouro, calouro, né.

[09:35] Renato: Isso era que ano mais ou menos?

[09:37] Marcos Olender: Foi em 92.

[09:38] Renato: ah... 92.

[09:38] Marcos Olender: Setembro, outubro de 92, me lembro quando eu fiz, em janeiro de 93 saiu a minha nomeação.

[09:44] Renato: Você já conhecia Juiz de Fora a muito tempo?

[09:47] Marcos Olender: Eu tinha vindo uma vez pra Juiz de Fora quando a minha ex mulher, o cunhado, o marido da tia dela era militar em Juiz de Fora, era sargento aqui, sargento telegrafista na verdade, uma figura até. Como é que fala uma daquelas figuras bem...como é que se diz [inaudível] né, aquela coisa militar lá, né, mas então eu tinha vindo uma vez passar o fim de semana, eu acho que, eu acho que era no Bairu a casa dele, que eu me lembro que eu fui na casa dele e a gente foi naquele clube dos sargentos que tem na Zona Norte onde que é aquilo? Um clube ali no outro lado do Rio Paraibuna, tem um clube dos sargentos ali, você já viu? Clube de militares?

[10:33] Renato: Não, não conheço.

[10:34] Marcos Olender: Eu lembro que eu fiquei uma tarde naquele clube e fizemos churrasco que não sei o quê. Só isso que eu tinha conhecido de Juiz de Fora. Eu morava em Petrópolis na época. Eu tinha morado em Petrópolis e era próximo. Eu fiz o concurso pra cá eu tinha antes vindo fazer um concurso de História também, no São João Del Rei.

[10:51] Eduardo: na ABCR?

[10:52] Marcos Olender: Oi?

[10:53] Eduardo: na ABCR?

[10:54] Eu acho que é. Eu tinha feito o concurso, eu tinha não, eu me inscrevi pra fazer o concurso em São João Del Rei, na História também, concurso que fui eu e o amigo meu de mestrado que depois virou vice reitor em São João Del Rei que era o Vlamir. Vocês conhecem? É historiador, Vlamir de José e Souza, é eu fui com ele, mas eu confesso que eu voltei e falei com a minha ex mulher - “eu não quero fazer lá não, ahh não gostei da cidade”, legal isso um cara de patrimônio ahh não gostei de São João, não (risos). Aí não fiz o concurso, acabou que ele fez o concurso passou e continuou dando aula lá. E... aí o segundo foi aqui, aí eu falei – “não, esse eu faço”, vim pra cá e pronto.

[11:40] Renato: Quando você fez o concurso você tinha o mestrado, né?

[11:41] Marcos Olender: Isso tinha o mestrado. Tinha acabado de... na verdade o concurso de lá era pra auxiliar e o de cá eu tinha acabado o mestrado e no mês seguinte surgiu o concurso. Eu me lembro que terminei o mestrado em julho e em agosto nasceu o meu filho Alexandre, e em setembro, e em agosto saiu o edital do concurso. Ele nasceu uma semana depois da semana que saiu o edital no jornal, caderno Ideia do JB, [inaudível] eu vi o caderno Ideia do JB. E aí eu fiz o concurso pra cá e aí eu passei. Eu não pensei, eu achei que não ia passar porque na banca tinha um cara feroz, que era o Jorge Coli, historiador da Arte, vocês conhecem né? Que era um cara feroz, achei que não ia passar, mas passei, né.

[12:25] Renato: E aqui só fazendo...

[12:28] Marcos Olender: Maraliz tava na banca, Maraliz, Jorge Coli e a Irma do Ari, Ari de Sabal. A banca era caprichada.

[12:33] Renato: Caprichada. E trazendo um pouquinho para hoje assim, como é que você faz uma da época em que você conheceu Juiz de Fora e hoje em dia assim, os aspectos econômicos, políticos, culturais, é diferente?

[12:46] Marcos Olender: O... é quando eu conheci Juiz de Fora, só um detalhe eu me lembro claramente que eu fiquei espantado uma vez que eu tava peguei um táxi no centro, eu morava nesta época na Oswaldo Aranha e era seis e pouca da tarde e tinha um engarrafamento. Eu falei: - Puts, que legal uma cidade que tem horário de engarrafamento, né, quer dizer na Rio Branco, às 18:30 da tarde um pequeno engarrafamento”. Hoje em dia você passa na Rio Branco tem o dia todo engarrafamento, então, então você vê a cidade eu acho que no ponto de vista da preservação do patrimônio, por exemplo, que é a minha área eu acho que ela evoluiu. Ta na fase heróica ainda, né mais por causa de alguns abenegados, como a Graça Pereira, Paulo Guanuches, né e a manutenção deste povo talvez até, eu, eu sinto muito isso, em termo de História do Brasil e em termo de História de Juiz de Fora como a cultura é

por um bom tempo no Brasil, agora mudou, não era algo que politicamente muito importante, era a área que você podia ter mais experimentação, hoje felizmente isso se tornou importante, quer dizer mais importante no entanto que é cobijada. Hoje a nossa ministra é uma ex senadora quer dizer então eu acho que cada um.... a partir do governo Lula, a.... cultura de se tornou, se mostrou importante, mas não era. Então se botava um intelectualzinho, se botava um sem nenhum demérito um Velforte, intelectual que não tinha nenhuma experiência política, né, e o cara publicava o seu livro, né, foi o que o Velforte fez, uma pequena crítica ao Ministério da Cultura do governo do Fernando Henrique. Eu acho que a mesma coisa acontece em Juiz de Fora, coma preservação do patrimônio, a cultura, era uma coisa importante. Juiz de Fora até era, se tem uma história e tal, mas não era aquilo que politicamente era moeda de troca, você conseguiu manter na área do patrimônio com um certo conter, uma estabilidade. Então tem gente que ta uma década, e isso é legal, são pessoas que não são pessoas, que não tem compromissos políticos menores, não são pessoas que trabalham com moedas de trocas, como é no caso do patrimônio, com o Paulo Guanucheves é um cara que você pode falar tudo dele menos que ele, ele, ele, ele se vende, se corrompa alguma coisa ou que usa o cargo dele de divisão de patrimônio para algum benefício político. Muito pelo contrário é um cara extremamente íntegro, né, se pode falar alguma coisa que as vezes o Paulo é estourado, que não sei o que, quem faz a divisão do patrimônio é ele, é um cara meio estourado né, você vê: “Puts, eu fui lá o cara veio e me recebeu”. Aluno meu, às vezes vai lá pesquisar e vÊ ele assim com a cara meio amarrada é o jeitão dele,mas é um cara que enquanto esteve, está na frente da divisão de patrimônio de uma integridade, de uma honestidade, até quando ele se equivoca, como a gente se equivoca, ou quando ele acerta, sempre de uma honestidade que você não pode, muito transparente, e isso é legal. E... é essa coisa de politicamente aquela área não ser muito visada fez com que pudesse ter uma evolução muito legal da área de patrimônio, né, e... a presença do Paulo por exemplo, é um testemunho disso, e com isso, por mais que a gente viva a fase heróica, né, você vê que em Juiz de Fora tem uma evolução nítida, da política de preservação, ainda da fase heróica, uma coisa que falta estruturar muito porque também tem pouquíssima gente, agora que o Paulo conseguiu mais estagiários, então é.... isso é uma coisa importante, uma coisa importante. Juiz de Fora tem esse problema, agora uma cidade que cresce, né, e isso a gente pode notar muito, e isso a gente nota depois, eu to já a 20 anos aqui. Que infelizmente é uma cidade cuja que cres..., que é uma cidade de média pra grande, com mentalidade política provinciana e isso é muito grave e quando se fala de idade política não é só política é... partidária ou não, política enquanto planejamento, política de estado, política pública, né. Uma cidade que não tem hoje, um planejamento de trans, transporte por exemplo condizendo com uma cidade de médio porte, uma cidade que não tem planejamento urbano condizente com uma cidade de médio porte. Uma cidade que tem uma, uma lógica de desenvolvimento urbano de uma cidade pequena. Uma cidade que você tem por exemplo culi..., você implanta um barzinho no Alto dos Passos, dá certo, aí de repente Alto dos Passos vira, você quer ir num barzinho você vai pro Alto dos Passos. Setorização cara, ou é uma cidade modernista que nem Brasília né, criada no século passado ou é cidade pequena, né. Cidade pequena que é setorizada. Numa cidade média você tem, claro, você pode ter

setores, [inaudível] vamos pegar como exemplo uma cidade grande como Belo Horizonte a Savasse, bairro de Lourdes, né, tem barzinhos, mas se cê mora na Serra você tem barzinho, você tem restaurante, tem cinema, né, você tem uma oferta de serviços diluída na cidade. Em Juiz de Fora você não tem uma oferta de serviço diluída na cidade. Isso é uma coisa gravíssima você mora em certos bairros que pra você comprar um jornal você tem que ir em outro bairro.

Eu vim, falei sou carioca, isso me incomoda. Carioca num quarteirão você tem sua vida, se durante um ano você não quiser sair do quarteirão do seu quarteirão você não sai. Por que num quarteirão você tem supermercado, banca de jornal, bar, cê tem tudo numa quadra, numa quadra. Qualquer, no subúrbio, na zona sul, na zona norte, na maioria do Rio de Janeiro, quem conhece o Rio de Janeiro sabe disso, cê pode viver num universo de uma, duas quadras, cê tem a oferta de serviço ali, Juiz de Fora isso me incomoda, realmente me incomoda, podia crescer, e eu acho que isso incomoda a cidade. Podia crescer de forma mais saudável, né, e com isso, isso também prejudica a mobilidade, uma cidade que você tem um empreendimento, um ônibus, que é praticamente um ônibus modal, é um ônibus centro bairro, porque mesmo quando é ônibus bairro a bairro passa necessariamente pelo centro, todos os ônibus de Juiz de Fora passa pelo centro. Como será que, não quer ter engarrafamento, mesmo com a oferta ruim de ônibus tem engarrafamento. Cê não tem ônibus interbairros, ou pelo menos transporte modal, que é um transporte com transbordo bem desenvolvido, por estações e tal, entendeu. Então é uma cidade que não se pensa como cidade média, em que os políticos não pensam como cidade média, isso é muito grave. Isso hoje pra mim é um pouco mais gritante do que a vinte anos atrás, que a vinte anos atrás a cidade desenvolveu muito, em termos é de construção, né, principalmente nos últimos dez anos, culpa também do desenvolvimento econômico do Brasil, do desenvolvimento do país, e isso ficou muito gritante, se você reparar bem, pode pensar antes, se você pensar a dez anos atrás, você não tinha o engarrafamento que você tem hoje. Aí vai dizer que é culpa que o Lula tirou o IPI do carro, o cara tudo bem, todo mundo tem o seu carro, mas porque todo mundo tem que usar o carro pra ir pro centro porque não tem ônibus, não tem táxi, não tem, porque se não, não usava. Então a culpa não é porque o cara tem um carro na garagem é porque ele tem que usar o tempo todo o carro dele da garagem porque a... No Rio de Janeiro, eu vou de carro com a Mônica e ponho na garagem da minha mãe, as vezes só vou usar o carro de novo, se eu ficar na Tijuca, por exemplo, pra voltar pra Juiz de Fora. Pra quê que eu vou usar carro se tem ônibus de cinco em cinco minutos, né. Táxi, só falta assediá-lo, você tá parado esperando alguém parece que o cara acha que é com ele(risos). Quer táxi? É assim, é... metrô, porque no Rio você pode reclamar ahh tem engarrafamento, você fica duas horas no trânsito, mas fica dentro do ônibus. Num é possível que não tem ônibus pra pegar. Aqui, você fica duas horas no ponto esperando ônibus no ponto. A diferença tá aí, porque oferta de transporte no Rio tem muita, o problema é que o trânsito é um caos, mas o Rio é uma metrópole, coisa que não dá mais certo. Metrô não é a cidade do futuro, né, mas você tem o transporte e a oferta de qualidade. Então é isso, é a importância dessa comparação para entender o que eu sinto de não legal na cidade, experiência que eu tenho. Ao mesmo tempo que eu tenho uma

qualidade de vida ainda boa, eu tenho um custo de vida bastante bom, ainda, né, uma cidade barata se você comparar com outra cidade. Tá se encarecendo mais ainda é uma cidade barata. A qualidade de vida ainda é legal e tem um lado provinciano ainda bom, né, porque o lado provinciano ruim pra mim é a política provinciana o lado provinciano bom é a vizinhança provinciana. Esse é o lado bom, ou seja, do dia a dia provinciano e isso ainda tem. Você ainda consegue ter uma caderneta num botequim. Não sei se em muitos, eu era freguês de caderneta, caderneta com escudo do Botafogo que eu lembro até hoje do Bar do Léo. No Bar do Léo eu era freguês de pagar no fim do mês o que eu pudesse pagar. Se eu não tivesse todo o dinheiro ele parcelava, sabe, isso é uma coisa legal de Juiz de Fora, né.

É... então esse provincianismo nas relações sociais, né, isso é uma coisa que Juiz de Fora ainda tenta manter que eu acho uma coisa super positiva, provinciano positivo, você fala provinciano parece uma coisa negativa assim, não esse é o provincianismo positivo é uma relação social que tem haver com uma relação de vizinhança, de conhecimento. É isso que eu acho de Juiz de Fora eu acho.

[22:59] Renato: E aí pensando nesses problemas mais estruturais ou não de Juiz de Fora aí eu queria fazer um gancho e perguntar se você teve ou se ainda tem alguma participação é nos sindicatos, nos colegiados, projetos de pesquisa, militância, conselhos e...?

[23:15] Marcos Olender: Sempre. É... Eu é...até não se é pela minha trajetória de vida, né, Arquitetura vai pra História porque tá questionando coisa da Arquitetura, né, e depois volta pra arquitetura via patrimônio, né, então eu não sei se é muito da minha área, da área de patrimônio, se é uma característica minha, mas eu não consigo é... ter uma, uma, uma vivência cotidiana só restrita a academia ou só restrita a uma prática política. Eu sempre posturei a minha vida, desde o tempo de faculdade mesmo, com militância social, aí fui ler parte de educação com Paulo Freyre com a prática, eu chamo de prática com a teoria. Então eu nunca consegui, as vezes as pessoas fala: -“não cara, Marcos fica, vai só estudar, dar sua aula, você não tem tempo pra nada”. Aí pinta uma discussão pro conselho de cultura vai eu lá discutir. Ai de repente eu dentro do Conselho de Cultura, de repente virei presidente do Conselho de Cultura, entendeu. Eu não consigo separar as coisas. Eu acho que, que, que é claro que, não se separa, a produção de saber da universidade não se separa, a produção acadêmica é que serve pra alguma coisa. Servir no sentido prático, rasteiro e imediato, mas a curto, médio e longo prazo ela tá servindo pro cotidiano pra sua vida para o longo cotidiano, não tem que ser só a curtíssimo prazo nem que seja, mas tá servindo. Então eu, eu faço da minha vida essa ponte de, de tá sempre antenado com a produção acadêmica, né, inclusive adoro estar envolvida em pós graduação. Tem a gente sabe que tem professores doutores que não gostam de dar aula na pós, porque acham uma discussão muito acadêmica e tal, né, mas eu gosto de tá envolvido com a pós que é o supra sumo da produção de saber, de produzir alguma coisa, e mais ao mesmo tempo eu não consigo estar envolvido com a militância cotidiana é... cotidiana. Quer seja ela partidária, quer dizer eu por um tempo antes de de vir pra cá, quando eu morava em Petrópolis eu cheguei a ser Secretário de

Formação Políticas do PT em Petrópolis, aí depois eu abdiquei isso porque eu entendi que a minha militância era muito mais na sociedade civil do que no partido, eu me sentia muito melhor na sociedade civil, sem nenhum demérito pra quem faz militância partidária até por isso eu respeito muito até hoje a militância partidária. Mesmo com esse nível hoje de, de depreciação dos partidos, dos políticos, inclusive do PT por causa de um ou outro elemento, eu levo muito a sério porque eu acho que tem muita gente séria que faz a militância partidária e que tá, e que faz a sua vida pra ela, então tem que ser respeitada. Então eu respeito muito, mas não é a minha praia, a minha praia era a sociedade civil. E aí na época eu comecei, eu já, eu era da militância partidária até por isso, militei na associação dos moradores, desde da época da Arquitetura eu fui, membro da comissão de arquitetura e urbanismo da AMOAPRA no Rio de Janeiro, a AMOAPRA é Associação dos Moradores da Praça Sans Pena, pra você ter uma idéia o presidente da associação era o Chico Alencar. Em... então comecei a minha vida de militância política de bairros com Chico Alencar no Rio de Janeiro, que vocês conhecem muito que é deputado, né, isso na época... é coisa antiga, na época do metrô no Rio, na década de 80. Que agente lutava pra que as áreas desapropriadas virassem áreas de lazer , né, e que não voltassem a ser vendidas para a população . A gente conseguiu muita coisa. Depois fui pra, pra Petrópolis lutei na associação dos moradores do meu bairro no Bingen, do Amistado, do Amistado que era a Capela do Bingen, fui pra política partidária, fiquei um tempo, depois quando fui pra Juiz de Fora e não me vinculei a partido nenhum aqui, não cheguei a me desfiliar, talvez eu seja filiado ainda no PT lá não sei. É... minha ficha deve tá lá ainda, mas aí pra cá não me envolvi em política partidária. Aí já fui pra academia e comecei a trabalhar com pesquisa com cultura alemã, e a aí começou a vir Comissão de Inventário da Prefeitura, sou daqui representante da universidade fui lá ser, depois você pertencer a conselho de Comissão Técnica Cultural de Patrimônio, fui lá se RO representante da universidade. Aí vem CONPAC, CONCUR, então eu comecei essa militância em conselhos ou representando a... universidade ou a sociedade civil. No caso do CONCUR foi pela sociedade civil não foi pela universidade, da área e patrimônio. Tinha uma cadeira pra área de patrimônio e eu disputei na área de patrimônio. E... depois IAB, Instituto de Arquitetos do Brasil, muito tempo fui diretor de patrimônio do instituto, assumi a três anos a presidência, esse já é meu segundo mandato, meu último, em dezembro tô indo embora, queira ou não queira eu to indo embora, chega, chega! Se não tem separação em casa, to brincando, mas a Mônica falou: -“Aqui você vai renunciar quando?” (risos) né, presidência do IAB. Mas então, tem dessas coisas, eu não consigo, eu não consigo, assim é uma cachaça eu não consigo separar a militância, o dia a dia, a discussão cotidiana com vizinhos, com a classe, com arquiteto, com a parte cultura com a, a produção acadêmica. Aí é claro que a gente fica meio tonto com as coisas, mas vai levando, vai levando porque trás contribuição pra cá, minha aula de patrimônio. Você foi meu aluno de patrimônio sabe disso, na aula de patrimônio eu sempre trago a experiência da minha vivência porque eu acho que é isso “pô, esse cara é legal, esse cara é ferão”, não é nada disso eu acho que é o tipo de... é mais um exemplo mesmo, Sab, eu queria que tivesse mais cinquenta pessoas assim. Tem muitas pessoas assim, mas eu queria que tivesse mais. Porque eu acho isso o legal da aula, né, não é que eu

seja aquele cara “ahh eu sou o prático que vai dar aula”, não eu acho que tem a produção acadêmica tem a sua função a sua importância e tem que ser cultuada até, não sou o bom. Na minha área de arquitetura tem muito isso, que eu aprendi muito isso na arquitetura, você tem os professores prancheteiros, o cara vai ensinar como é que trabalha num escritório. Até tem espaço para eles, mas não é o espaço principal do professor o cara tem que saber a vida de escritório tem que saber produzir alguma coisa, saber o saber. Eu que é mais, que tem essa, essa, esse feedback. Então você vê isso muito na minha aula de patrimônio eu falo da minha experiência no conselho, o que que ta acontecendo na cidade, porque é até estudo de caso, pra destrinchar isso num lugar adequado na academia, com a teoria, né. Essa coisa de na teoria ser uma coisa e na prática ser outra eu acho, eu acho que isso me moveu, eu acho isso um absurdo isso, falar: - “ ahhh mais na teoria é uma coisa e na prática é outra”, ahh vai... é porque as pessoas tão aqui e tão ali. Vão misturar tudo, e aí é essa mistura que é legal, que eu chamo de praxis que é a definição de práxis, né, essa coisa de teoria da prática, sabe, desse vínculo. Mas é isso...

[30:32] Renato: Você acha que esse aspecto, essa vivência da prática...

[30:34] Marcos Olender: É bom dar entrevista porque a gente fica falando da gente (risos)

[30:38] Renato: Essa prática (risos) você acha que ela acaba se perdendo? Você acha que...

[30:43] Marcos Olender: Não, eu acho que, eu acho por, eu acho que cada pessoa, é o trabalho de formiguinha mesmo, de, de cotidiano, como eu, a Mônica mesmo, minha esposa, tem um pouco isso. Aí começa a me explicar os projetos de extensão, projeto de extensão é uma boa chance para isso, né, algo que nem é muito, muito valorizado na universidade, começa a ser agora cada vez mais, né. Mas, agora eu acho que não ta se perdendo, não, eu acho que é o contrário, eu acho que... sei lá, depende da... eu não sei se, eu acho vari... eu acho que a partir da, de 68 no mundo, eu acho que essa questão da práxis começa a ter uma importância maior, por exemplo, eu acho que o cara como Foucault mesmo como eu falei, ele é o cara, e neste ponto da minha admiração por ele, também é um cara que não se encerra na universidade. O cara vai falar de “vigiar e punir” mas o cara foi, era do comitê de prisões, vai lá, fez política pública, não se encerrou na parede da academia. Isso como um exemplo, se você pegar na verdade, a maioria dos historiadores, filósofos que realmente tem alguma coisa a dizer, a maioria, né, tem alguns tem alguma coisa a dizer e nada pra falar de importância. Eles tem uma militância, eles não tão encerrados na academia. É claro que hoje existe uma procura do imediatismo cada vez mais que pode ta enfraquecendo isso, mas não sei, sou do tipo otimista, tem sempre esse bando de doido pra, pra, pra não deixar isso acontecer. Eu acho que tem, não sei.

[32:20] Renato: E... ainda pensando nesta questão da militância e tal. Como você analisa as organizações sindicais daqui da universidade desde quando você entrou e até hoje. É assim o sindicato da universidade...

[32:33] Marcos Olender: Eu acho assim, eu acho assim, aqui eu vou dar a minha opinião. Por mais que você, sou, eu sou assim um cara que entende que tendo estruturas representativas, é eu gosto de falar isso, inclusive minha formação política e teórica, é muito anarquista, né. É eu costumo até brincar que eu sou marxista que da linha do Groucho, do Groucho Marx não do Karl, vocês conhecem o Groucho Marx não? São os comediantes americanos o Groucho é aquele que das palavras ferinas, nunca ouviram não, um bigodudo, quando vocês ouvirem vocês vão entender. É um comediante, eu falo que eu sou um Groucho marxista, to brincando, mas é, mas eu sou um cara que tem uma formação que tem de Marx, Foucault, Niet, e tal. Mas a minha formação política é a te mais pouco anarquista, eu sou, eu sou adepto a democracia direta, né, a grosso modo, da, da, da, da, da, da política participativa, né, mas acho que a política representativa tem seu lugar. Eu sou um cara que, que, que tenta desconstruir e desmerecer de forma crítica a política representativa, porque eu sei aonde isso vai dar. E o lugar não é legal. Que geralmente quem critica muito a política participativa escampa para o autoritarismo. Então eu acho que esse tipo de mudança política que tem que ir acontecendo de forma não reformista, mas de forma até meio subversiva, meio de desconstruir um pouco, desconstruir um pouco aqui um pouco ali. Mas, ô... porque que eu tô falando isso, porque eu sou um cara assim, tem uma representação a representação tem que ser levado a sério, né. É...a APES por exemplo, tenho críticas sérias a várias questões políticas da APES, mas eu acho que a APES tem que continuar. Ela não pode acabar por causa disso. Eu acho que, que a ANDES hoje, tem aparelhamento da ANDES, eu acho do aparelhamento da ANDES, eu acho que não pode se misturar o partidário, entendeu? Com a política partidária mas é um aparelhamento, né. Eu sou contra isso, mas eu acho que a ANDES tem que continuar. Apesar disso, apesar de ter certas condições que eu não concordo, pelo menos ela tá ali questionando, tá ali movendo as coisas, balançando, sabe? E é isso que vai levando as coisas, a..as mudanças. Você não concorda com os mecanismos, tem outras coisas, não é só votar. Ahh, (inaudível) fala assim então, você vota e muda, não é só votar, é participar das assembleias, é, é, é... seduzir pra outro lado. Eu também sou contra, o que eu acho que é péssimo na democracia representativa em todos os seus níveis partidário ou sindical é que aquele cara que tem a lógica representativa, é o seguinte você não gosta de quem te representa no sindicato então na próxima eleição você vai lá e troca ele. Não num é numa próxima eleição. Você tem que mudar a estrutura para que durante, mesmo que o cara o for um cara que você não goste, vai ter que te ouvir, vai ter que levar o que você quer entendeu? Por isso eu escolho a democracia direta, né, e da contaminação da representação da democracia direta, né. Conselhos, adoro essa política de conselhos, eu acho que isso é a grande inovação inclusive que o Lula trás, né eu me lembro, só pra dizer, tem haver, eu vou chegar aonde você quer, né. Mas eu não posso deixar de falar isso. Pessoal, eu me lembro de um artigo do Vinícius... Vinícius é um professor, jornalista do Rio, muito legal, um dos resumos dele, que ele fala assim: O Lula é.. o pessoal diz que ele foi reeleito por causa do bolsa família, o Lula não vai ser elei..., na época da eleição, o Lula não vai ser reeleito pelo bolsa família, ele vai ser reeleito pela política participativa, que ele implantou no país todo, conselho de saúde, conselho de..., é isso que vai reeleger o Lula.

Eu acho que a miopia da oposição do Lula é essa, é achar que o Lula se resume a assistencialismo, que é uma coisa que a oposição critica sempre. Se fosse seria muito fácil derrubar o Lula, mas não é isso, mas porque o... Voltando aqui, eu sou um cara que sou adepto ao respeito a essas instâncias. E mais, entendo que essas instâncias hoje, inclusive sindicais da universidade, elas infelizmente tem um nível de aparelhamento. Aí é uma opinião minha, não que... a respeito a APES, respeito quem se envolve com a APES, né, eu digo mais a ANDES, a APES menos, né, eu acho que até na última greve a APES sentiu isso. Que saiu antes que a ANDES. Vocês sabem disso né. Que sentiu que a coisa tava meio epa, per aí, calma, puxando, né. Mas eu acho que mais eu respeito, mas a partir de um certo momento comecei a criticar a greve, mas se a Assembléia votar pela continuação da greve, quem sou eu, eu vou voltar, eu não vou. É a minha representação, eu não vou desqualificar a minha representação. Eu acho que a coisa tem que se dar num embate político, né, mas é isso, é só pra te explicar isso. Eu acho que as organizações sindicais elas são hoje, algumas são sofrendo emparelhamento que eu não acho legal. Nunca achei né. Nunca achei, sempre teve, no movimento estudantil sempre teve, nunca achei sempre fui meio dos independentes, bagunçar o coreto, mas tudo bem, desde que acha discernimento eu acho tudo bem. Porque que não, eu era do PT, do movimento estudantil, mas, mas as vezes, as vezes tinha uma política do PT que eu era contra, então eu vou a luta, não tem problema, o cara não vai dar a ordem que eu vou ter que seguir por ali, né. Fala.

[38:18] Renato: É...cê pegou muitas greves aqui Olender?

[38:22] Marcos Olender: Peguei várias greves, eu peguei assim, um foi na época do Fernando Henrique né, a única greve que tinha na época do Lula eu não tava aqui, eu tava na, eu tava...na Itália, na bolsa sanduíche. Eu acompanhei de longe. Eu acho que a única greve que eu peguei no governo Lula-Dilma foi na mudança de, eu acho que foi essa agora, porque foi só uma não foi? E teve mais uma em (vozes no fundo “2004 e 2005”) 2005 que eu tava em Veneza, eu me lembro que eu estava em Veneza nesta época. Então eu peguei essa e peguei uma no governo do Fernando Henrique, aí era todo ano, era todo ano tinha uma greve, né.

[39:03] Renato: E... em relação aos alunos assim, você acompanha a mobilização política dos estudantes?

[39:08] Marcos Olender: Acompanho. Mas deixa eu só concluir aonde eu queria chegar. O que que eu descordo na última greve, o que eu descordo radicalmente, descordo primeiro, do plano de carreira do governo, eu descordo dessa aberração que eu acho que é o cara entrar doutor e o cara entrar como auxiliar. Ficar três anos como auxiliar para depois se adequar a sua classe. E não vejo nem um problema dele entrar já como doutor, fazer o concurso para auxiliar, passou como ele tem doutorado imediatamente ele é colocado como foi na minha época, né. Eu acho isso uma aberração, me desculpa, mas eu não concordo. Ao mesmo tempo eu concordo com a mudança do titular. Eu acho uma boa coisa, eu discordo pelo MEC, eu acho que isso tinha que ser uma coisa de autonomia mais universitária. Mas que o titular agora é uma, eu acho que a gente não

pode negar, que no governo Lula houve grandes avanços na carreira do professor. Eu hoje sou associado, não existia associado, né. Eu hoje sou professor associado 1 pra 2, é mais uma grana, até grana você recebe, é mais um nível, mais uma qualificação que você tem inclusive financeiramente, é uma maneira de aumentar o salário sem aumentar o salário, criou mais um nível, aumentou o salário, né. Segunda que você vai entender até onde eu quero chegar, discordo radicalmente do plano de um, um item do plano proposto pela ANDES, que foi um dos motivos da greve. Que é, que você pode passar de um nível pra outro eles acabam com essa coisa, eu acho que tem que continuar com esse nome, auxiliar, associado, tem que entender a qualificação, ahh, você então é mestre, tem que ta, é... eles criam de 1 a 13 e que você passa só por interstício. Você pode chegar ao último nível de professor sem ser doutor. Eu acho isso um absurdo, eu acho que a qualificação é fundamental pra, pra, pra, pra você chegar ao último nível. Afinal a gente ta numa academia e aí eu volto naquela questão da gente discernir as diferenças de cada setor que a gente ta. A gente ta numa academia, então a progressão, o desenvolvimento da carreira tem que ser acadêmico. Como que você vai chegar a ser um professor titular sem ser doutor. É isso que ta no plano de carreira da ANDES. Não posso concordar com isso. Então, só pra te mostrar entendeu, mas aí só se faz por dentro, mas eu não chegar nisso.

E aí você está falando dos estudantes, aliás a grande crítica que eu tenho da, do movimento estudantil, você sabe qual é, num é do movimento estudantil, é um ano de gestão cara por favor, vocês que estão, aumentem para dois anos pelo menos. Eu não vou ficar aqui criticando, se o pessoal hoje, porque o movimento estudantil, é o movimento estudantil, eu posso até conversar com vocês, discordo de algumas coisas, eu acho que certos embates são desnecessários, posso...num.. não pra (inaudível) no movimento, o movimento é estudantil. Mas eu posso como intelectual, historiador, a Camila e a Gislene historiadoras de movimentos políticos, e tal, falar ora neste momento houve retrocessos porque houve embates desnecessários, legal, como historiador você pode fazer isso. Agora a grande crítica que eu tenho estruturalmente é eu não entendo, é loucura, quem foi que inventou isso, vocês devem ta recuperando isso de mudar a gestão pra um ano cara, o que que é uma gestão de um ano em qualquer movimento político. Você já viu sindicato com a gestão de um ano, você já viu é... associação com gestão de um ano, eu não conheço. Pode até ter, eu não conheço, você conhece? Associação de moradores o cara fica um ano? Partido político o cara fica presidente um ano? Com o que o cara faz alguma coisa em um ano. Não importa se, se o cara é simpático, se ele ta ligado ao PSTU, ao trabalho, ao PC do B, não importa, ou independente, não to aqui perguntando qual a postura política do estudante. Agora estruturalmente eu acho que é, como, no mínimo contraproducente, no máximo completamente equivocado, ter um movimento estudantil, não sei como é isso nas outras faculdades. Na minha época era dois anos, o DCE era dois anos ou três se eu não me engano. Nunca vi DCE um ano, só aqui, confesso. Eu tô errado tem em alguma outra universidade assim? Eu acho que isso é um rito no pé de vocês, caras vocês são doidos, vocês estudantes são doidos, são doidos cara. São doidos. O cara é um ano, o cara assume, por isso que só ganha oposição aqui praticamente né. Um ano é uma chapa

no outro ano é a oposição aquela chapa. Porque o cara assume a chapa aí quer mudar, passa seis meses se saber do que está acontecendo, e pra mudar o comportamento, e quando começa a fazer alguma coisa, falta três meses para eleição, tem comissão eleitoral, a outra chapa entra: “olha esse pessoal não fez nada”. Num vai fazer nada nunca pô. Num vai fazer nada nunca, não importa, qual é a linha política cara. Pode ser tucano, pode ser PSTU não vai fazer porra nenhuma. Então a minha única questão estudantil, são duas questões na verdade, uma é essa. A outra é...vocês vão me entender, eu falo isso, eu fui do movimento estudantil também. Sou contra, sou contra falar é... que, que a tem um estudante profissional, até tem, mas isso também, tem uns caras aqui que estão totalmente vinculados entendeu? Do cotidiano do dia a dia. Eu acho que claro coisa maior, coisa, a política acadêmica, a filosofia, você não tem que discutir só se falta professor ou se tem duas, se falta carteira na sala de aula. Num é, num é nesse nível porque eu sei que até sabe bastante sobre isso. Ah o pessoal esquece, não isso também tem que ser discutido, mas isso também é... pra você discutir isso, você também tem que entender a política acadêmica. Se tem uma universidade que você não privilegia a política acadêmica, por exemplo, privilegia uma política de resultados de obras e tal, vai faltar certas, certas coisas, você vai atender o geral que vai pro particular, mas ao mesmo tempo pra entender esse geral você tem que viver cotidianamente com, com, com né, cursar disciplina né, num é querer falar assim e tal, mas é verdade gente, tem povo que na minha época já né, eu não falava com o cara porque você ta a sete anos ou oito você não vai ser um bom aluno. As vezes o cara ta porque ta juntando as duas coisas, mas a gente sabe que também e aí eu falo assim de cadeira, você ta rindo mais eu falo de cadeira, tem gente que, por exemplo, vocês são do movimento estudantil, tão num projeto de extensão, vocês tão né...cadê o Dudu foi embora já, o Dudu também ta.

[44:08] Camila: Não ele ta lá na sala.

[44:09] Marcos Olender: Ele é do DCE, que não sei o que, mas o cara é do DCE, do projeto de extensão. Ah mais o cara ta fazendo em seis, sete anos a faculdade, mas o cara é só, ta fazendo só coisa acadêmica, não, o cara ta no projeto de pesquisa, de extensão. Não to falando assim, que o cara não possa cursar em mais tempo. Não é isso que diz que o cara é um estudante que está completamente alienado ou não. Mas o cara tem que ter um envolvimento, porque ele ta representando, ele ta representando, ta dizendo aquilo da conduta dele. Não to falando que é o caso aqui, mas eu... e também outra coisa, isso eu vejo na arquitetura também, por isso que eu to falando assim que eu vejo na arquitetura também, não tem ninguém da arquitetura aqui hoje, né. De pegar, essas coisa sabe, ah professor, nem que não seja eu que seja outro, que fala bem e tal, e aí cria uma seita sabe, aí tem essas coisas, tem essas coisas. E aí fica meio de, de não é cabresto, como é que a gente fala. É... coisas de manobra, transmissão, correntes da missão, né, aquela coisa, corrente transmissão uma certa coisa, que você sente que, aí que ele traduz briga. Assim, alguns, não digo o caso da História não, até porque eu acho que a História ta muito bem, num sei, dependendo ta muito bem de, de, de movimento estudantil. Mas tem certos cursos aqui que você tem brigas para paroquiais no departamento que são traduzidas em brigas estudantis cara. Isso acontece, você quer

mapear a universidade eu sinto isso eu acho um absurdo cara na ignorância cara, deixa o professor brigar e vai brigar por outras coisas num entra na briga do professor não. Se eu não vou com a cara de um professor, se você curte os dois e quer fazer um projeto com um professor, faça. Ou se você acha que o que eu falo tem haver com uma universidade e que tu fala também tem. Eu posso não ir com a cara do cara mais faça a sai síntese, porque tem muito isso né. Tem muito essa ingenuidade do aluno, e aí eu aponto que as vezes isso parte do movimento estudantil também. De você correr a transmissão de certos grupos paroquiais contra outros grupos paroquiais. A realidade do aluno é uma, do professor é outra e do funcionário é outra. Não sei se eu falei de mais, mas eu acho isso.

[48:27] Renato: Agora Olender, pensando assim, na parte mais formal da instituição, né, você entrou assim...

[48:32] Marcos Olender: Eu quero ver, eu quero ver a entrevista com o Ângelo Carrara também, vocês vão entrevistar o Ângelo Carrara também. É o cara que é todo, vai falar mais do que eu, eu acho.

[48:40] Renato: Nossa.

[48:42] Marcos Olender: Ta gravando? Vai gravar. Quero que ele ouça que vai falar mais do que eu. (risos)

[48:46] Renato: Então, é perguntar se essas formalidades institucionais é da época que você entrou por exemplo, é questão de formatura é grade curricular da História como é que era, né, e outras coisas como calourada, as semanas do curso, esses aspectos mais formais da instituição?

[49:02] Marcos Olender: É aí eu vou falar mais é do lance da História né, que na verdade minha trajetória aqui, ela se confunde muito mas aí fica pro vinte anos da arquitetura, com o curso de arquitetura né. Quando eu entrei aqui eu vim pra dar aula pra arquitetura, a partir do segundo período apesar de segundo período não, quando eu assumi, porque eu assumi em fevereiro efetivamente, aí começou a minha disciplina na arquitetura. Na arquitetura tava um caos, era um curso que tinha menos de um ano de existência, tava um caos, teve uma greve de alunos, que naquele período teve duas greves, uma na psicologia e outra na arquitetura que eram os dois cursos que estavam caóticos. Depois da greve eu assumi a coordenação do curso de arquitetura. Esse foi um motivo inclusive que no caso da História do departamento e uma outra história que a gente vai poder ressaltar. O meu departamento não entendeu isso bem. É... a gente está numa universidade, eu entrei pra cá com uma filosofia muito encantado com uma filosofia de universidade, e é uma filosofia que aqui parecia que era o discurso que tinha aqui. A Maraliz falou isso comigo na época, porque a Maraliz ela entende um pouco mais dessa coisa também, que seja uma are híbrida também, história da arte e tal, freqüentar muito a arte e tal. Não porque você ta no departamento de História, nessa universidade, a universidade é departamentalizada. Matéria de história da economia, história da filosofia, da arquitetura quem dá é a História, num é. Até hoje tem isso, você

tem matéria na economia que é da história social política do Brasil que quem dá é da História, eu acho isso fantástico. Minha trajetória de vida é interdisciplinar, né, transdisciplinar, né, da arquitetura, pra história e filosofia e tal. Eu só entendo a produção assim e tal. Aí eu falei: putz, to numa universidade que é assim. Porque eu vim de uma faculdade de arquitetura que era departamento de história e teoria da faculdade de arquitetura, né, era uma faculdade de arquitetura. Aí fui fazer História pra pegar outras coisas de História. É... e aqui eu vi que quem dava História da Arquitetura era História. Putz legal né, eu to voltando pra dar, pra arquitetura pela História da maneira que eu sempre entendi. Tudo bem, fui pro colegiado, na época tinham colegiados, colegiados eram estruturas que eles hoje você pode ter, pode não ter, colegiado é uma coisa muito amorfa. Na época, eram estruturas fundamentais pros cursos, esse puta, legal o curso tem que ter colegiado, o colegiado que escolhe o coordenador com consulta ou não aos alunos. A gente até depois fez consulta na votação direta, mas é o colegiado que dá a última palavra. É o conselho composto por todos os departamentos que compõem o curso, né, muito bem, legal. Eu tava lá, via Departamento de História um dos únicos arquitetos do colegiado com esse caos todo, outro arquiteto queria de jeito nenhum pegar a coordenação. Não tinha nem condições também, o cara dava aula, tava se aposentando também, não tava querendo esquentar muito a cabeça, tava sem paciência já. E eu falei: “Putz, que coisa legal, né, ainda eu vou voltar e de repente vou servir o curso de arquitetura, olha o que a História me fez que coisa boa.” Por isso eu sou grato ao departamento por ter me propiciado isso. No primeiro ano em que eu entrei aqui assumi a coordenação do curso de Arquitetura. Algumas pessoas do departamento entenderam que eu estava traindo o departamento. Como um professor da História vai pro curso, vai coordenar o curso de arquitetura? Porque não coordenar o curso de História? E aí vem a minha crítica, ora, a universidade tem uma estrutura departamentalizada ou não? Departamento de história é uma coisa, curso de História é outra coisa. Isso piorou ainda mais com o fim da obrigatoriedade dos colegiados. Agora vai voltar, porque ta criando estruturas de colegiados, acho que a universidade viu o erro que foi isso. Mas no caso da História, num é só da História, todos aqueles departamentos que tem cursos como as ciências, né, ciências exatas ou humanas, essa confusão é uma coisa muito ruim. Porque eu não sirvo ao curso de curso, até sirvo, mas eu não sou do, eu não sirvo necessariamente ao curso de História, eu sirvo a História, e a História, vou servir a História e mostrar a importância da História na arquitetura, na engenharia, na história, entendeu? Mas isso, as pessoas não entendiam isso. Achava que eu estava traindo. Muita gente achou que eu estava traindo o departamento. Ué, mas quem avaliou, eu não citar nomes, alguns reavaliaram, outros já foram embora, né. (vozes no fundo) É deixa só eu concluir, depois eu fui coordenador de curso de História também (risos). Acabei sendo coordenador do curso de História, mostrar que eu não tava aquilo, não tava também tomando só partido da arquitetura. Mas eu acho que isso é que devia ter na universidade, de não ter sabido até hoje discernir direito e hoje funciona até maior que é o fim do colegiado, a diferença entre curso e departamento. Porque é o departamento que dá a única inversalidade do conceito de universidade, né. A transparidade só é possível se você realmente tem uma estrutura em que os departamentos não pensem que eles só atendem ou tem só que

atender um determinado curso. Que é muito difícil no caso da História, da Matemática, de todos os departamentos que tem cursos específicos, na engenharia é mais fácil, porque você tem a Engenharia Civil, você tem o departamento de Construção civil, departamento de Esculturas, departamento de não sei o que, que servem lá, que servem a arquitetura, entendeu, então quer dizer, fica mais fácil cada departamento ter um nome que é o nome do curso isso é muito complicado. Do cara conseguir entender que a coisa é diferente essa é uma grande crítica que eu tenho da estrutura daqui. Mas foi porque, essa pergunta é da..

[54:57] Renato: Das formalidades institucionais, na época em que você entrou...

[54:59] Marcos Olender: Então, isso é pra te explicar que na época em que eu entrei o que que eu sofri por causa disso. Ao mesmo tempo em que eu acho o colegiado é uma estrutura que eu acho importante eu acho que tem que ser revitalizada eu mesmo não consegui na minha época de coordenador eu convoquei o colegiado acho que uma vez. Eu sei que tem coordenadores aqui que nunca vão acionar o colegiado. Depois de uma época eu não sei foi na época da Margarida, foi na época da Margarida que já acabou essa estrutura. Que aí foi uma coisa ruim, eu acho que, por mais que goste da Margarida pra caramba, e.. mas eu acho que de repente isso é uma coisa que tanto a questão que vão repensando o rumo disso aí. E... eu não se foi também na época dela que, não me lembro, mas eu acho que foi lá na época dela. É... e outra coisa que eu acho que... eu acho que seria legal ter. Aí tinha um plano de, um PIT, um plano de trabalho que todo semestre no departamento você tinha que preencher o PIT. Eu contra por exemplo a... a é GAE, né, GET. Que na época o Paulo Renato fez que você tinha que fazer uma pontuação pra ganhar o seu salário integral, isso eu acho uma aberração, uma indisplacência. Você lembra disso? Era assim, o seu salário era tanto, na época do Paulo Renato, como esse tanto era gratificação a parte do fixo, qual foi a esperteza dele, na gratificação, pra ganhar o 100% da gratificação você tem que atingir uma pontuação. Então você tinha que ter uma GET é trabalho, orientação, que não sei o que. Se você não cumprisse a GET você não ganhava o seu integral, você ganhava uma, uma parcela. Eu acho isso um inexplicente, acho que você tem que fazer com todo mundo tenha obrigação de ser um bom professor, de ter um ótimo projeto de pesquisa, mas não é dessa maneira. Se for premiando tudo bem, mas nunca tirando dinheiro. Num é bem premiando, mas eu acho que... e o PIT era uma formalidade mas hoje de repente começava avaliar que talvez fosse interessante pra você refletir todo semestre o que que você está fazendo ali, qual é o seu plano de trabalho... Hoje você não faz mais plano de trabalho. Era um plano de trabalho pro semestre seguinte você tinha que preencher... parece que alguns, acho que na Arquitetura tem, tem ainda. Eu acho que é uma coisa que existe e que ninguém mais faz. Você preenche no início do semestre no departamento, vou dar as seguintes disciplinas, tenho as seguintes orientações. Vou gastar tantas horas pra preparar aula, né, tenho tais compromissos fora daqui, sou repre...participo de tantos tantos conselhos representativos. Ter isso oficializado, formalizado, eu não sei se não seria interessante voltar, até pra você refletir sobre a sua conduta durante o semestre. Pelo menos assim puta é coisa demais, não. Vou cortar

alguma coisa. Mas seu acho que é um tipo de formalização que seria interessante voltar, não pra, pra fazer que nem a GET, fazer assim “ahhh você vai ganhar menos porque...”, né, não, mas que você pudesse refletir, que o departamento tivesse uma noção do que as pessoas estavam fazendo no departamento, né. Porque se não fica muito daquela coisa do imaterial, mas não patrimônio, você não pega o que as pessoas estão fazendo. Né, é uma maneira de você saber o que esse cara tá fazendo, isso é uma coisa legal, ter de repente encontros... periódicos de professores do departamento, que é eventos, que como a gente faz grupos de pesquisas, deve fazer, vamos ver se ano a gente faz de novo mas eventos que os professores coloquem o que tão promovendo, quais são os seus projetos de pesquisa, de extensão, pro, pro departamento como um todo, pros alunos. As vezes você não sabe que eu to com um projeto História da universidade, você tá interessado em fazer parte, aí você vai saber, nesse sentido, não pra fiscalizar o trabalho de ninguém, não. Mas pras pessoas se comunicarem. Nesse sentido, acho que não, não pra...se o trabalho for feito de maneira que ajude a pensar. Outra coisa que falta, eu tentei instituir isso na minha época de coordenação na Arquitetura fiquei tão traumatizado que na minha época de História eu nem tentei, é sistema de avaliação, de avaliação das disciplinas. Que a gente fez isso na pós graduação do Grambery, questionário mesmo, sobre professores, sobre, mas que você discuta, avalie o professor e avalie você também. Mas e eu, sou aluno assim, sou... participo, produzo, que não sei o que, fazer, não se um questionário, mas algum tipo de avaliação institucional não no sentido também de punir, no sentido que seja uma avaliação institucional que não seja algo que, que coíba as pessoas, que seja coercitivo, mas que seja produtivo, que aponte os gargalos, os nós, porque não fazer isso? As coordenações podem fazer isso. Eu tentei fazer isso na época minha na Arquitetura cara, acharam que eu era policialesco, aí eu falei então não, então chega, não vou fazer, pode ser questionário de aluno, questionário para professor, pra falar das turmas né, pode ser seminários, aí na Arquitetura eu fiz, uma coisa muito legal, que foi um seminário, que foi o SEMEAR, é SEMEAR, Seminário de Ensino de Arquitetura, que as turmas colocavam, aí a gente parou uma semana de aula, para avaliar o curso. Porque não fazer isso? Não precisa ser questionário, faz assim de cara a cara, que aí fica melhor, não tem essa coisa de ser anônimo, vou falar mal porque eu não vou com a cara do cara, não, faz uma coisa, o objetivo não é implementar nenhum tipo de constrangimento a gente tem que fazer um tipo de avaliação que, que não constranja as pessoas, mas que estimule as pessoas. O SEMEAR foi uma coisa legal, né, juntou por períodos, aí tem gargalo aqui, tem pouca disciplina de História da África, tem pouca disciplina de arte, né, eu acho isso uma coisa legal e acho que isso falta também. Avaliação institucional, a gente não tem mecanismos de avaliação institucional, acho que isso falta pra caramba. Acabou por hoje, né, porque... aí caramba eu falei, era isso que vocês queriam?

[01:01:29] Renato: Era isso mesmo.

[01:01:30] Camila Gonçalves: Era tá ótimo.

[01:01:33] Marcos Olender: Tem hora que eu falo, eu sou meio...

[01:01:37] Camila Gonçalves: Bom é assim mesmo, vai falando.

[01:01:39] Marcos Olender: No departamento....